
**IDENTIDADE FLUVIAL DOS MORADORES RIBEIRINHOS DO RIO JARI NA PORÇÃO DA RUA
ANTIGA DA USINA**

*RIVER IDENTITY OF RIVERSIDE RESIDENTS OF JARI RIVER ON THE OLD POWER PLANT STREET
PORTION*

96

Robson de Brito Silva

Graduado em Ciências Biológicas (IFAP), Instituto Federal do Amapá (Ifap), *Campus Laranjal do Jari*, robsondebritoap@gmail.com

Nubia Caramello

Doutora em Geografia (Universitat Autònoma de Barcelona – UAB), Instituto Federal do Amapá, *Campus Laranjal do Jari*, nubia.caramello@ifap.edu.br

Danilo Sorato

Doutorando em Estudos Estratégicos (UFF), Instituto Federal do Amapá, *Campus Laranjal do Jari*, danilo.moreira@ifap.edu.br

Resumo

Este trabalho busca mapear a identidade fluvial dos moradores ribeirinhos do Rio Jari, na Rua da Antiga Usina (Rua Xirizal). Para efetuar a compreensão almejada usou-se de pesquisa bibliográfica relacionada ao município de Laranjal do Jari, bem como matérias relacionadas que sustentarão aos objetivos e o uso de questionário eletrônico no Google Forms, aplicado aos moradores durante a atividade de pesquisa de campo, na forma de entrevista na residência dos moradores. A identidade cultural, em todas as suas nuances é foco desse trabalho, cujas problemáticas são as seguintes: quais as características marcantes dos moradores que caracterizam sua identidade fluvial, e como essa identidade reflete suas vivências diante do fenômeno natural de enchente nessa região no período em que tem vivido na referida Rua da Antiga Usina? Observou-se nesse sentido o poder adaptativo desses moradores ao lidar com uma série de dificuldades, mostrando assim uma resiliência ímpar e capacidade de adaptação ao seu nicho, e ao lidarem com o fenômeno das enchentes, tais vivências e adaptações passam a ser parte de suas vidas, observou-se também um anseio de mudança de por parte da maioria dos entrevistados, um desejo de moradia em um local sem o fenômeno da enchente, desejo esse ainda não concretizado, pois embora almejado essa mudança de localidade, a maioria tem morado a mais de três décadas nesse habitat, reflete de apego a suas origens no lugar, bem como possíveis problemas econômicos, cabendo assim à continuação das pesquisas na localidade, para entender os motivos de permanência no local.

Palavras-chave: Identidade Fluvial; Laranjal do Jari; Rua da Antiga Usina; Enchentes; Bairro Malvinas.

Abstract

This work seeks to plot the fluvial identity of the riverside residents of the Jari River on the Old Power Plant Street (Xirizal street). In order to achieve the desired understanding, bibliographical research related to the municipality of Laranjal do Jari was used, as well as related materials that will support the objectives and

the use of an electronic questionnaire in Google Forms, applied to residents during the field research activity, in the form interview at residents' homes. Cultural identity, in all its nuances, is the focus of this work, whose issues are: what are the striking characteristics of residents that characterize their fluvial identity and how this identity reflects their experiences in the face of the natural phenomenon of flooding in this region in the period in which who has been living in the aforementioned Old Power Plant Street? In this logic, the adaptive power of these residents was observed when dealing with a series of difficulties, thus showing a unique resilience and ability to adapt to their place, and when dealing with the phenomenon of floods, these experiences and adaptations become part of their lives. There was also a desire for change and live in a place without the phenomenon of flooding on most respondents, a desire that has not yet materialized, because even though this change of location is wanted, most of the residents have lived more than three decades in this habitat and shows attachment to their origins in the place, as well as possible economic problems, leaving reasons to keep researching in the locality to understand the reasons for lasting in the place.

Keywords: Case study. River Identity. Laranjal do Jari. Old Power Plant Street. Floods. Malvinas neighborhood.

INTRODUÇÃO

As identidades culturais ribeirinhas são vastas e variadas, pois em cada povoado formado a margem de um rio da Amazônia, fator primordial para a formação de populações ribeirinhas é a existência dos rios, e no caso dos moradores da Rua da Antiga Usina (Rua Xirizal) o rio em questão é o Rio Jari, em cada povoado formado existem muitos outros fatores que contribuíram para a formação das comunidades ribeirinhas e sua identidade fluvial, fatores que tornam possível a criação de inúmeras características sobre aquele povo.

Alguns exemplos desses fatores são a origem das pessoas, o tipo predominante de recursos naturais ou minerais, empreendimentos econômicos, geografia, clima e até ocorrência de fenômenos naturais como seca ou enchentes etc. No caso dos moradores ribeirinhos da Rua da Antiga Usina isso não é diferente e segue esse mesmo padrão. Os moradores da rua da Antiga Usina têm uma larga experiência de vida para contar, possuem com já dito uma identidade sem igual, digna de ser lida, estudada e compreendida por todos os estudiosos assíduos por conhecimento, históricos ambientais, econômico e científico.

Neste trabalho buscou-se mapear a identidade fluvial dos moradores ribeirinhos do rio Jari, na porção compreendida na Rua da Antiga Usina (Rua Xirizal). Para se obter a compreensão desejada usou-se de pesquisa bibliográfica em publicações relacionadas ao município de Laranjal do Jari, bem como matéria relacionadas que sustentarão aos

objetivos almejados, usou-se também de questionário eletrônico no Google Forms.

A identidade cultural, em todas as suas nuances foi o foco desse trabalho, cujas problemáticas foram as seguintes: quais as características marcantes dos moradores que caracterizam sua identidade fluvial, e como essa identidade reflete suas vivências diante do

fenômeno natural de enchente nessa região no período em que tem vivido na referida Rua da Antiga Usina?

Observou-se nesse sentido o poder adaptativo desses moradores ao lidar com uma série de dificuldades, mostrando assim uma resiliência ímpar em relação a sua vivência e adaptação ao lidarem com o fenômeno das enchentes, onde tais vivências passam a ser parte de suas vidas, e são essenciais para entende-se o contexto cultural, histórico, geográfico e de adaptação dos moradores ribeirinhos da Rua da Antiga Usina, onde por vários fatores que entenderemos durante a leitura deste artigo, veremos que existe um interesse de mudança de morada para um outro local, onde não ocorra enchentes, mas essa mudança ainda não ocorreu para a maiorias dos moradores entrevistados. Porém existe uma maioria de moradores mais antigos que são apegados ao o seu habitat atual, durante o decorrer do tempo se adaptaram ao local.

BASE TEÓRICA

Identidade fluvial: definições

Todo lugar deixa expressões nos moradores que vivem ali e produz características específicas no povo que ali faz morada, uma marca refletida nos costumes culturais e anseios dos que ali vivem, no caso de moradores ribeirinhos existe a Identidade Fluvial. Assim sendo ressalta-se que o cotidiano urbano de muitas cidades na Amazônia brasileira expressam uma diversidade de "fragmentos" responsáveis por sua permanente reconstrução, que somados trazem uma totalidade de informações que formam o modo de vida uma identidade muitas vezes única.

Estas temporalidades urbanas são projetadas por meio de espacialidades contraditoriamente articuladas na cidade. É necessário assim coletar essas informações ímpares que somente os moradores do lugar poderão relatar, de suas décadas de vivências e assim expor sua identidade, cabe aos pesquisadores juntar essas informações e extrair a identidade vivida ali naquela localidade (Silva et al, 2005).

Nota-se visivelmente que existe uma relação indissolúvel entre cada morador com o local escolhido para viver, morando ali por escolha ou devido às necessidades, nas margens dos rios se dá da mesma forma (Barbosa *apud* Yi-fu Tuan,1983)

No livro A identidade Cultural na Pós-Modernidade (Hall, 2011), Stuart Hall citando G. H. MEAD e C. H COOLEY, como dois sociólogos que trazem relevantes abordagem sobre a identidade cultural em si, de acordo com eles: O núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela

habitava.

Essa interação eu e o ambiente externo e toda a vida que cerca são a concepção "interativa" da identidade e do eu. Essa visão, tornou-se a concepção sociológica clássica da questão sobre a formação da identidade cultural de um indivíduo, ou seja, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade e assim pelo ambiente que o cerca. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que o "eu real" aquilo que cada pessoa é por dentro de si individualmente, mas este eu é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Observasse que a identidade do indivíduo ou um grupo de indivíduos é um conjunto do "Eu" interior e suas características externas e vivências, e quando essa identidade reage em uma união com o meio em que vive, o clima, a natureza, as plantas, os animais, os desertos, os rios etc.

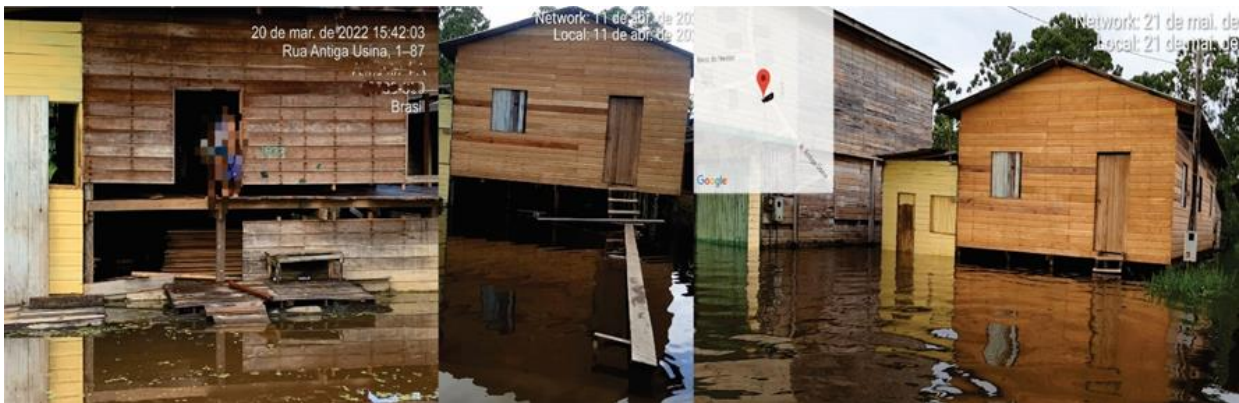


Figura 1 - Adaptação dos moradores em relação ao nicho em que vivem
Fonte: Autores, 2022.

Assim temos ainda a identidade cultural, que não está desvinculada da identidade territorial na qual o lugar representa o sentimento de pertencer àquela paisagem e seu complexo ecossistema (Serpa, 2019), em um jogo constante de adaptação e reorganização de elementos naturais e culturais que o compõem (Fig. 1), como propõem Boada e Gómes ao analisarem de forma integral a diversidade biológica urbana:

La diversidad biológica presente en ecosistemas urbanos mantiene en comun con otros ecosistemas la dinámica ente las condiciones del medio y la flora y fauna. Dado el alto ritmo de transformaciones y cambios que se dan en el ecosistema urbano, la dinámica entre factores abióticos y diversidad biológica resulta más intensas que la existente em los entornos próximos. (Boada & Gómes, 2003, p. 152)

Neste sentido afirma-se que a identidade fluvial das cidades da Amazônia, e de outras regiões onde a população é formada a margem de rios, é uma característica do indivíduo que não

pode ser separada da vivência beirinha, pois o rio, lago, aquífero ou igarapé, passa a ser uma extensão do indivíduo que ali vive e cresceu.

Uma identidade caracterizada por vivências ribeirinhas, do primeiro autor desse artigo lembra-se, assim como a maioria dos entrevistados, de várias vivências que caracterizam essa identidade fluvial, vivências como o banhar-se no rio, observar os membros da família lavar roupa na beira do rio, lavar louça, pescar e assim tirar do rio sua subsistência, ir de um local a outro na cidade remando em uma canoa, hoje observa-se o uso de “rabetas” no lugar dos remos, e mais outras infinitudes de exemplos da identidade ribeirinha dos moradores da rua da antiga usina.

Um fator de suma importância para a formação da Identidade Fluvial dos moradores é o fato de A Rua da Antiga Usina está localizada geograficamente nas proximidades de uma das margens do Rio Jari e está em uma região de várzea ou de lago, e por isso é impactada diretamente pelas enchentes e grandes enchentes da Bacia Hidrográfica do Rio Jari.

Conforme os relatos obtidos através das entrevistas de campo, e pelas observações dos moradores do local existe uma relação íntima entre eles e esse fenômeno natural, é interessante ressaltar que os de fora da região, visitantes ou novos moradores do município, ficam impressionados com essa identidade, e com o fato de os moradores se adaptarem a um período de 03 meses de enchentes, aqui se cita a Dr. Nubia Caramello por meio de seu relato oral: “Eu sou uma Doutora em geografia, especialista em estudar recursos Hídricos, mas eu nunca nem imaginava que existia um lugar no mundo onde uma enchente durava mais de 02 meses, que existiam pessoas tão resilientes assim” .

Essas peculiaridades claramente existentes nas populações ribeirinhas, que formam a identidade fluvial do povo, são de vital importância para a pesquisa científica ganhar uma forma o mais exata possível, daí é um ponto vital de objeto de estudo deste trabalho, fazendo parte da metodologia aplicada de questionário eletrônico na forma de entrevista onde os moradores responderam oralmente as perguntas feitas durante a pesquisa de campo.

História da Rua da Antiga Usina, Beiradão e Laranjal do Jari

No antropoceno a sociedade passa a ser classificada como um agente geológico com capacidade de alterar a paisagem, como também ser influenciado por ela, como ocorre na própria capacidade de adaptação do ser vivo as diversidades naturais e antrópicas (Cox et al, 2019). A dinâmica das cheias do Rio Jari, protagonista da identidade dos povos que vivem as suas margens retratam um bom exemplo do exposto.

O processo de colonização do que hoje é conhecido como porção urbana do município de Laranjal do Jari, inicia a margem esquerda sentido Rio Amazonas, como pode ser observado na figura 2, na qual Tostes (2012) retrata a evolução histórica da malha urbana do município, que cresce dentro de um ecossistema urbano surgido dentro de um predomínio de paisagem de várzea, o que levou a necessidade do desenvolvimento da adaptação da infraestrutura da comunidade local.

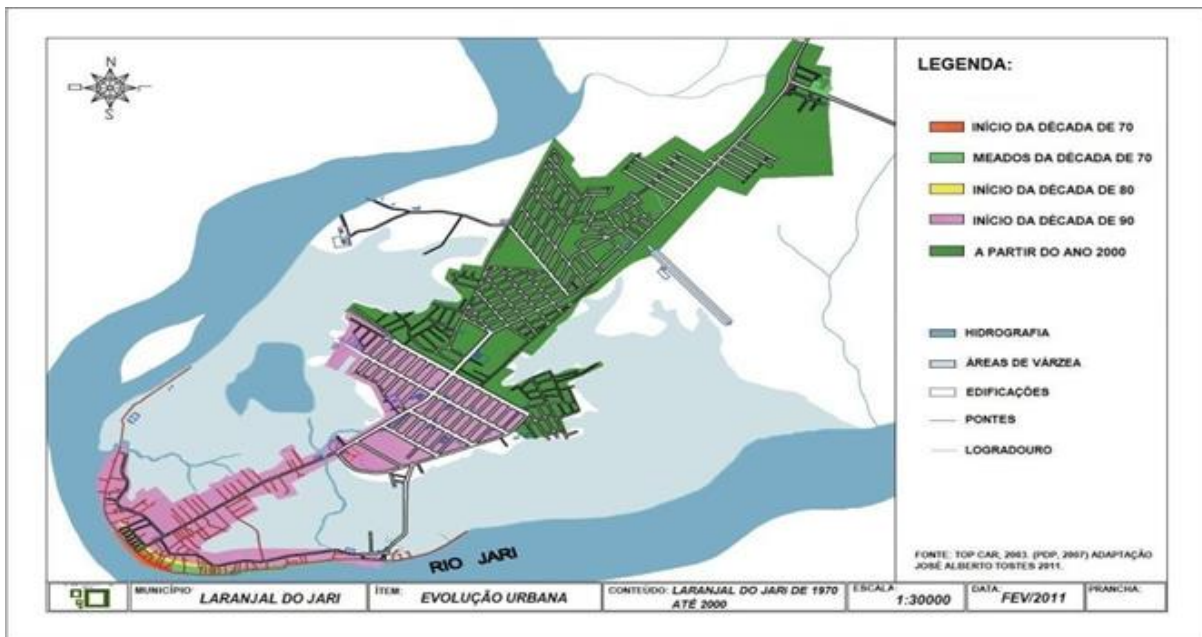


Figura 2 - Evolução histórica da malha urbana do município de Laranjal do Jari
Fonte: Tostes, 2012.

Conforme a figura 2, onde o mapa é ampliado, observa-se a Rua da Antiga Usina, indicada pela seta verde, a rua inicia-se na esquina da Avenida Tancredo Neves, passando pelo bairro centro, entrando no bairro das Malvinas até o local onde ficava a Antiga Usina de Energia Elétrica, do então Beiradão, hoje município de Laranjal do Jari, observa-se na figura 2 o desenvolvimento urbano de laranjal na área ribeirinha no sentido de subida na Avenida Tancredo Neves, dar-se com mais ênfase a parti da década de 1990, porem a Rua da usina é remanescente dos meados da década de 1970, assim como a instalação da Usina de Energia Elétrica do então Beiradão conforme o registro de depoimento da história da localidade, passada por meio de transmissão oral dos primeiros moradores do local a seus descendentes, filhos e netos.

A partir daqui observa-se com mais detalhes como essa evolução histórica se deu, ressaltando que não se pode compreender a história do surgimento e desenvolvimento do município de Laranjal do Jari sem, compreendermos a história do Projeto Jari, pois ambas estão ligadas ao surgimento da cidade de Laranjal do Jari, inicialmente conhecido como Vila do Beiradão,

dar-se a partir da implantação do Projeto Jari de Ludwig.

O grupo de Ludwig contratou a empresa do engenheiro paraense Rodolfo Pereira Dourado para construir uma cidade alojamento, esta cidade localizou-se no município de Almeirim – PA que recebeu o nome de Monte Dourado. (Nascimento, 2018) ressaltando que Monte Dourado está localizada na margem oposta onde iria se formar o então Beiradão, que depois daria origem a Rua da Antiga usina e posteriormente com o crescimento do então Beiradão viria a crescer e finalmente se torna o Município de Laranjal do Jari.

Historicamente desde a época de José Júlio, a região do Jari já era habitada por pequenas comunidades locais disseminadas pela floresta, no entanto, a intervenção do “coronel” não foi tão marcante quanto a do empresário norte americano Daniel Ludwig, que liderou a instalação do Complexo Industrial Jari (Nascimento *apud* Ferreira 2008, p. 79).

Para alcançar os objetivos propostos, a empresa precisaria de muitos trabalhadores, o que atraiu milhares de imigrantes para a região. Houve um grande deslocamento de pessoas para a região com essa intenção, sobretudo nordestinos - do Maranhão, Piauí e Ceará, principalmente – e nortistas de outras localidades.

Como não havia emprego para todos, muitos, sem condições de voltarem para seus locais de origem, acabavam ficando e ocupando um local à beira do rio Jari para habitar temporariamente, na margem oposta a Monte Dourado, no estado do Amapá (antigo Território do Amapá), em terras que pertenciam a Ludwig e seu Projeto. (Nascimento *apud* Clareto, 2003, p. 86)

Com a instalação da Empresa Jari Celulose, nas décadas de 1960 e 1970, tendo como sede a Vila de Monte Dourado, no município de Almeirim no Estado do Pará, houve uma intensa demanda de migração, principalmente da região norte e nordeste, essa migração em busca de emprego na fábrica é o fator extremamente relevante para o crescimento populacional da área sul do Estado do Amapá, em concentrações como o da "Vila do Beiradão" (margem esquerda do rio Jari), área fronteiriça de Monte Dourado (Nascimento, 2018).

A Vila do Beiradão que viria a se tornar o município de Laranjal do Jari é fruto da migração dos trabalhadores em busca de emprego na fábrica Jari Celulose. Observa-se dois fatores nesse período histórico, 1º: Muitos migrantes esperançosos acabavam sem emprego, então sem amparo ou recursos para retornarem ficavam pela região e habitavam a Vila Beiradão; 2º: Trabalhadores contratados, após serem desligados ou se desligarem da empresa, resolveram ficar na Vila Beiradão, pessoas que se identificaram com a localidade, observa-se pelas entrevistas em questionário que isso se deu como rotina marcante na história do povoamento da região hoje conhecida como Laranjal do Jari.

Nesse processo existiu - porém foi descontinuada - a Vila do Pau Roliço que foi derrubada, a mando da empresa Jari, contudo, do outro lado do rio, em frente a Monte Dourado, iniciou-se a construção de um novo povoado, à revelia da Jari. Com o crescimento do povoado, em 1971, iniciou-se a formação de um pequeno núcleo urbano que, situado à margem esquerda do Rio Jari, este povoado passou a ser chamado de “Beiradão”.

O Beiradão no início da sua formação tornou-se um grave problema social para a empresa Jari e tratado, inicialmente, com descaso pela administração do município de Mazagão, do qual seu território fazia parte. Assim a população que ali se formava e aumentava sofria com a ausência do Poder Público, sem Saneamento Básico, Saúde, Educação, Segurança Pública, etc. Havia controvérsias entre a empresa e o governo do Território Federal do Amapá para definir quem assumiria a responsabilidade de cuidar da localidade, gerando assim um jogo de empurra-empurra, entre as partes mencionadas. (Nascimento, 2018).

É nesse contexto histórico que se forma a Rua da Antiga Usina, Nascimento ressalta ainda que no decorrer da formação do Beiradão e até chegar ao status de Município de Laranjal do Jari, houve os surgimentos de várias lideranças, como políticos, comerciantes e representantes de comunidades locais, no intuito de melhorar a qualidade de vida e melhorar assim seus comércios e localidade. Até que por fim “em 1985, a cidade que já contava com representantes na Câmara Municipal de Mazagão, e esses representantes intensificaram a campanha em busca da emancipação da cidade que veio através da Lei Federal nº 7.639 de 17 de dezembro de 1987” (Nascimento, 2018, p. 39), muitas dessas pessoas ainda são lembradas pelos atuais moradores do município de Laranjal do Jari, e algumas ainda são moradoras do município.

O nome pejorativo, ao qual o título deste artigo menciona, usado como não oficial, dado a Rua da Antiga Usina, Xirizal, pelos moradores da mesma, por moradores do restante do município e por quem por ventura vem a conhecer a história local, geralmente os visitantes são de imediatos informados sobre esse nome, passado de geração em geração, que ao ouvirem, ficam intrigados por tal maneira de se referir a uma localidade, tal nome se deve pelo fato que no decorrer da história do município e da rua, o nome tem a seguinte origem: em uma área mais central da cidade onde a Rua da Antiga usina cruza com a Avenida Tancredo Neves, formou-se uma região de bares, boates e cabarés, então devido a esse comércio, daí o nome Xirizal, remetendo as diversões daquela área.

Esse termo passou-se a ser utilizado quando alguém faz referência a Rua da Antiga usina. É importante afirmar que tal área não contém mais, nos dias atuais os empreendimentos de lazer citados, embora o termo continue sendo lembrado pelos moradores ribeirinhos do lugar, sendo

importante faz da sua formação cultural.

METODOLOGIA

A presente pesquisa está contemplada dentro do Programa de pesquisa Vozes do Rio Jari, desenvolvimento no Instituto Federal do Amapá, campus de Laranjal Jari, com aprovação no Comitê de Ética registrado sob o número CAAE 59933922.3.0000.0211, considerando que o maior patrimônio de conhecimento para o programa é o contato com as memórias humanas para o resgate espaço temporal de informações que corroboraria com a interpretação da realidade vivenciada por moradores da Rua da Antiga Usina localizado no bairro Malvina.

Após, levantamento de dados biográficos disponíveis, foi realizada a pesquisa empírica tendo o estudo caráter qualitativo e quantitativo, com coleta de dados empíricos, diante da escassez da informação de estudos focais sobre o público-alvo e a temática proposta, considerando no campo fatores ex-post-facto (Lakatos & Marconi, 2003).

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa usou-se um Questionário On-line como instrumento de entrevista, onde o pesquisador registrou diretamente no celular as respostas dos entrevistados, o questionário digital escolhido foi o Google Forms. O instrumento aprovado pelo CEP contemplava todos os subprojetos do Programa, sendo considerado para o presente estudo apenas as questões que contribuíram com o mapeamento da identidade fluvial dos moradores e sua relação com o fenômeno das enchentes que ocorrem na área onde vivem, essas perguntas e respostas estão disponíveis no link disponibilizado na seção de anexos deste artigo.

Uma vez que a Internet e as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes na vida cotidiana, como nas atividades domésticas, nos momentos de lazer, no trabalho e, principalmente, na vida acadêmica, é preciso aceitar que as tecnologias servem de apoio para a prática pedagógica e acadêmica (Mota, 2019), no caso desta pesquisa a ferramenta de questionário digital mostrou-se útil. Ainda a respeito do Google Forms, Mota (2019, p. 373) salienta:

São apontadas, então, algumas características do Google Forms: possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o Google Forms pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa. A grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar.

A literatura científica atual da grande relevância ao uso de questionário utilizando-se o Google Forms, observa-se a praticidade e a inovação praticada em prol da pesquisa científica, acelerando processos que demandariam tempo e recursos tanto do pesquisador como dos entrevistados e facilitando o trabalho de pesquisa. Daí a escolha do método de Questionário Eletrônico On-line, a saber, o Google forms, utilizado para entrevistar os moradores da Rua da Antiga Usina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Características definidoras dos moradores ribeirinhos na Rua da Antiga Usina

As entrevistas ocorreram no dia 22 de outubro de 2022, ao todo foram ouvidos 57 moradores da Rua da Antiga Usina. Link do formulário Google Forms utilizado nas entrevistas de campo, aos moradores da Rua da Antiga Usina: <https://docs.google.com/forms/d/1AQPahecO15cBnGUiKhGmx2vnh3xzhfK0f6XyyBtNM4/edit?pli=1>

Os moradores se conectam a rua por meio da construção de palafitas com acesso via passarelas (Fig. 3), sendo esses de forma geral integrantes da mesma.

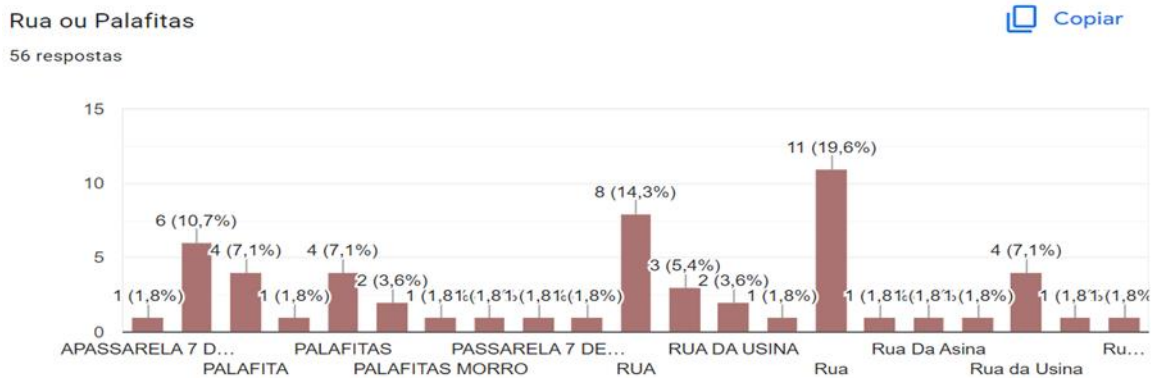


Figura 4 - Localização das residências dos entrevistados.

Fonte: Autores, 2022.

A maioria (56,1%) dos moradores entrevistados estão acima da faixa etária de 43anos (Fig. 4), tendo estes uma relação direta com o Rio Jari. Do total entrevistado predominam 57,9% do sexo feminino.

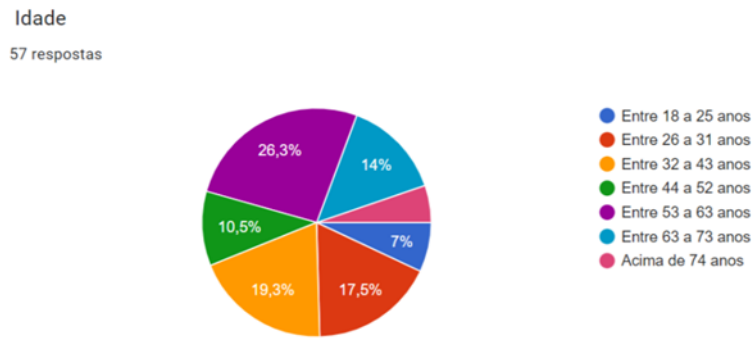


Figura 5 – Faixa etária dos entrevistados.
Fonte: Autores, 2022.

Quando os moradores foram indagados sobre quantos moravam na mesma casa, é possível perceber que são famílias compostas por estrutura familiares diversificadas compostas de 1 a 7 moradores por residência, com predominância de 3 pessoas por família (21,1%) média.

A figura 5 traz informação de relevância, da renovação do tempo que moradores estão residindo na área, a maioria dos entrevistados totalizando 45,6% estão residindo entre 5 a 15 anos, observando que mesmo diante dos quadros de enchente a área de estudo, segue sendo um atrativo migratório, observou-se ainda a presença de moradores que ali moram a mais de 60 anos (3,5%).

Há quantos anos moram no bairro?

57 respostas



Figura 5 - Tempo de moradia dos entrevistados na área de estudo
Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura 6 é resultado da análise das respostas de 55 pessoas, que responderam, o motivo de morarem no bairro Malvinas, bairro que compreende a maior parte da rua da antiga usina, nota-se que atualmente a população é formada por moradores que ali moram por questões de trabalho, necessidades financeiras e por quem sempre morou ali, além de ali possuírem casa própria, os motivos familiares e o fato de gostarem do bairro. Também foi possível constatar que

22% dos entrevistados apontaram que as condições financeiras o direcionaram para a área estudo, considerando que o aluguel e casas para comprar é mais acessível que os bairros secos.

Qual o motivo de mudança da família para o Bairro Malvinas?

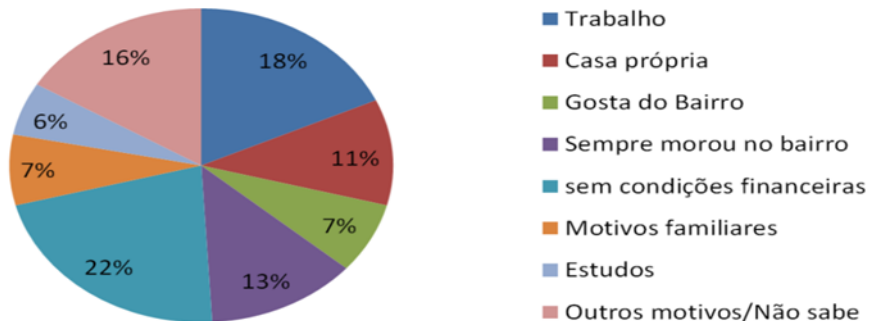


Figura 6 - Motivação para migrar pra o Bairro Malvinas.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma característica marcante nos moradores da Rua Da Antiga Usina é o fato de virem de vários lugares diferentes (Fig. 7), em destaque para a maioria que veio de outro estado do país, enquanto que outros moradores relataram já morarem antes na cidade, em outro bairro e até um morador informou que veio de outro país.

De onde vieram?

57 respostas



Figura 7 - Origem migratório dos entrevistados
Fonte: Elaborado pelos Autores.

A renda família identificada dos moradores ajuda a compreender essa questão, considerando que ainda que 54,4% dos entrevistados informaram que possuem renda de 1 a 2 salários mínimos e 1,8% ganha entre 2 a 3 salários, há o total de 43,4% que vivem com renda inferior a 1 salário mínimo mensal.

Os moradores e sua relação com o fenômeno das enchentes na Rua da Antiga Usina

A Rua da Antiga Usina está localizada em uma área de várzea, cercada por uma área

lacustre, que conforme Estevez apud Silva (2016 p. 144), conceitua-se lagos como sendo corpos de água doce ou salina, continental ou costeira, que é totalmente ou parcialmente cercada pelo sistema terrestre com origem e tempo de vida variável, caso em que se encaixa perfeitamente a área campo desta pesquisa, e esse lago tem uma ligação natural com o Rio Jari, que no período chuvoso na região une-se com o rio, quando as chuvas são intensas rio acima, na Bacia Hidrográfica do Rio Jari, o nível do rio aumenta consideravelmente e gera as Enchentes do Rio Jari. Os 93% dos moradores entrevistados foram afetados de alguma maneira pela enchente do ano de 2022. 62% dos entrevistados consideram como impacto o fato das águas do Rio Jari ter atingido suas casas e 38% o comprometimento dos imóveis.

Os moradores também responderam se já haviam sofrido impactos por enchentes anteriores, e 77,2% responderam que sim, os moradores responderam quais as enchentes foram as que causaram mais impactos no passado e a maioria dos entrevistados tem como enchente marcante em impactos em suas vidas a enchente do ano de 2000. Citam-se ainda as enchentes de 2002, 2008, 2011 e 2018 como impactantes.

É nítido que há décadas os moradores vêm lidando com as enchentes, onde moram, e vem lidando vez após vez com esse fenômeno recorrente no local onde vivem, as enchentes ocorrem sempre no período chuvoso na região, que vai de meados de janeiro a julho, quando as chuvas se tornam mais intensas, porém as enchentes ocorrem de fato entre março a junho. Os moradores sabem bem dessa rotina, estão habituados, uma nítida relação de ser humano e seu nicho ecológico, existe o fato também que que em alguns anos não ocorrem enchentes na região, apenas uma subida das águas do lago e do rio Jari, mas sem afetar nenhuma ou poucas residências, isso é notado pelo fato de alguns anos não serem mencionados pelos entrevistados.

Durante esses períodos de grandes enchentes na região, os moradores da Rua da Antiga usina, responderam ao serem perguntados, sobre auxílios recebidos durante essas enchentes passadas e a grande maioria respondeu que receberam algum tipo de ajuda, e ao serem indagados sobre a fonte dessa ajuda, eles identificam como seus ajudadores o principal sendo o poder público, em relação às enchentes anteriores 70,4% relatam ter recebido auxílio, sendo que para eles o poder público representou 88,9% da ajuda recebida.

Fazendo a comparação com a enchente atual de 2022, o quadro permanece o mesmo com respeito a principal fonte de ajuda recebida, porém, há um aumento na quantidade de pessoas que se sentiram aparadas em 2022, 91,1% das pessoas responderam que receberam ajuda e 92,6% dessa ajuda, segundo os entrevistados vieram do poder público.

Destaca-se segundo os moradores, que sua família e vizinhos vêm a seu auxílio também

nas enchentes passadas, assim como também, nessa enchente de 2022, uma característica marcante, de pessoas que se unem em prol de seus iguais em dificuldades, trata-se nitidamente de uma comunidade unida em prol de sua subsistência.

E quais as perspectivas de futuro para esses moradores? Observa-se o desejo de da maioria dos entrevistados ao serem perguntados se gostariam de mudar-se do bairro: 59,6% responderam que sim e 38,6% responderam que não, é interessante que a maioria dos entrevistados somados já mora há várias décadas no local, pode-se dizer que esse desejo é fruto das adversidades sofridas com a enchente e com demais problemas oriundos no período chuvoso na região (fig. 8).



Figura 8 - Problemas no período das chuvas

Fonte: Elaborado pelos Autores.

A educação escolar sofre um revés sem precedentes neste período uma vez, que fica totalmente inviável o ensino nas escolas, considerando que 90,6% dos estudantes das residências entrevistadas não têm acesso a elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa e trabalho buscou-se mapear a identidade fluvial dos moradores ribeirinhos do Rio Jari, na porção compreendida da Rua Antiga da Usina (antigo Xirizal). Para efetuar a compreensão desejada usou-se de pesquisa bibliográfica em publicações relacionadas ao município de Laranjal do Jari, bem como matérias relacionadas que sustentaram aos objetivos almejados, usou-se também de questionário eletrônico no Google Formes, aplicado aos moradores do campo de pesquisa, na forma de pesquisa, entrevistou-se presencialmente moradores da Rua da Antiga Usina, para se obter entender essa relação biológica de interação dos seres humanos e seu eco sistema, os moradores, a rua e a Enchente. Sendo assim este trabalho de pesquisa científica, chegou-se a seu clímax trazendo primariamente A Identidade Fluvial impar dos

moradores da Rua da Antiga Usina, suas principais características, portanto são: Os moradores possuem, na sua maioria, casas erguidas sobre a área lacustre, as casas conhecidas como palafitas, a maioria são adultos, acima de 40 anos, com predominância feminina, possuindo uma média de cinco moradores por residência, formando assim núcleos familiares de cinco pessoas, dentre esses núcleos familiares, observou-se que muitos são jovens, que moram com seus familiares mais antigos na área, assim há uma renovação de novos moradores na localidade, são um povo trabalhador, que por necessidades financeiras moram no bairro devido a facilidade de adquirirem uma casa pra morar e a proximidade com as fontes disponíveis de emprego, são uma população multi regional, pois além dos moradores que sempre viveram nas comunidades ribeirinhas ao entorno da localidade, a grande maioria dos moradores são de outros estados brasileiros, bem como até de outro país, são pessoas que vivem com renda entre menos de um salário à dois salários mínimos em sua maioria, são pessoas que amam o rio, uma relação de dependência marcante com o rio, que possuem uma relação próxima com o Rio Jari, na sua maioria, os moradores ainda banham-se no rio, pescam no rio, bebem a água do rio, lavam suas roupas no rio, tem no rio momentos de lazer, navegam no rio, especialmente como transporte as margens da cidade. Características marcantes evidenciadas pelas respostas dos moradores ao questionário utilizado como entrevista presencial aos moradores da Rua da Antiga Usina (Rua Xirizal).

E como essa identidade reflete suas vivencias diante do fenômeno natural da enchente nessa região no período em que tem vivido na referida Rua da Antiga Usina? Mais de 90% dos moradores foram afetados pela enche do Rio Jari em 2022, no passado também sofreram com as enchentes, a lembrança marcante da maioria dos moradores com enchentes que possuem é com a enchente do ano de 2000, onde os mesmos comparam com a grandiosidade da enchente atual, de 2022. Relatou-se pelos moradores, que durante os períodos de enchente, sofre-se com prejuízos e danos a suas casas, perda de imóveis, relataram também que a rotina sofre grandes alterações, as principais são os problemas de mobilidade entre suas casas e ao comercio, trabalho e escola, alguns moradores vem se adaptando a esse evento, uma característica comum na relação biológica entre seres vivos e o ambiente em que estão inseridos, pois alguns moradores, já possuem transporte próprio nesse período, outros já têm o habito de construir andaimes dentro de suas casas, isso tudo com o objetivo de evitarem sair de suas casas temporariamente para receberem abrigos ou mudarem-se temporariamente. Houve poucos relatos de moradores da Rua da Antiga Usina, que relatassem ter recebido abrigo ou terem saído de suas casas, aqui cabe uma análise futura e focada em entender esse fato.

Os moradores demonstram um anseio de mudar para um bairro, onde não precisem passar

pelas dificuldades geradas pela enchente, esse período de enchentes é desgastante para eles, pelos motivos já mencionados, porém essa mudança não tem se concretizado, uma vez que uma quantidade relevante de moradores são antigos nesse habitat em que vivem, os moradores são resilientes e a enchente é uma preocupante e velha visita, até mesmo esperada, e que muitas vezes não aparece, mas os moradores da Rua da Antiga Usina, já há conhecem bem e sabem que ela virá.

REFERÊNCIAS

- Andres, F., Andres, S., Moreschi, C., Ostrodrigues & S. Ferst, M. F. (2020). A utilização da plataforma Google Forms em pesquisa acadêmica: relato de experiência. *Research, Society and Development*, 9 (9), 1-7.
- Barbosa, D., Caramello, N. & Silva, G. (2021). Um rio e sua gente: análise de variáveis para diagnóstico da identidade fluvial de ribeirinhos urbanos do rio pirara – Cacoal/RO. *Sociedade e Território*, Natal, 33 (1), p. 188-208.
- Barry, C. (2019). *Biogeografia: Uma abordagem ecológica e evolucionária*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Boada, M. & Gómez, J. (2008). *Biodiversidad*. Girona, Barcelona, Espanha: Rubes Editorial.
- Caramello, N. (2022). *Mesa Redonda do Projeto “Vozes Do Jari”, Em Aula da Disciplina De Saúde Ambiental, Ministrada Para Turma do 8º Período do Curso de Engenharia Ambiental*. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Rondônia.
- Estêvez, F. (2016). *Biogeografia Climatologica e Hidrogeografia: Fundamentos Teóricos- Conceituais e Aplicados*. Curitiba, PR: Editora Intersaberes.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Blackwell Publisher.
- Mota, J. (2019). Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. *Humanidades e Inovação*, 6 (12), 371-380.
- Nascimento, M. (2018). *Laranjal do Jari: Uma proposta para a escrita de livros didáticos e ensino de história local no Amapá* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amapá, Macapá.
- Serpa, A. (2019). *Por uma geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia*. São Paulo, SP: Contexto.
- Silva, M. Malheiro, B. & Ribeiro, R. (2005). Territórios do uso nas margens da cidade: a identidade territorial ribeirinha na orla fluvial de Belém-PA (Brasil). In *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, 14627-14640, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Tostes, J. (2012). *Transformações urbanas das pequenas cidades amazônicas (AP) na Faixa de Fronteira Setentrional*. Rio de Janeiro : Publit.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 19/12/2022

Received on December 19th, 2022

Aprovado em: 23/12/2022

Accepted on December 23, 2022

Publicado em: 30/12/2022

Published on December 30th, 2022

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo: Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review: Double review.

Agência de Fomento: Não tem.

Funding: No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Silva, R. B., Caramello, N. & Sorato, D. (2022). Identidade Fluvial dos moradores ribeirinhos do Rio Jari na porção da Rua Antiga da Usina. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 2 (2), 96 – 112.

ABNT

SILVA, R. B.; CAMELLO, N.; SORATO, D. Identidade Fluvial dos moradores ribeirinhos do Rio Jari na porção da Rua Antiga da Usina. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, Macapá, v. 2, n.2, 2022.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.